

GEOTERMINOLOGIA: MAPEAMENTO CARTOGRÁFICO DA TERMINOLOGIA DA FARINHA DE MANDIOCA NA AMAZÔNIA, PARÁ, BRASIL

Data de submissão: 28/08/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Elias Maurício da Silva Rodrigues

Universidade Federal Rural da Amazônia
Capanema – Pará
<http://lattes.cnpq.br/9461369240785888>

RESUMO: Este artigo científico apresenta alguns resultados de uma pesquisa que visou descrever os termos utilizados na produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense. O objetivo geral do estudo foi a elaboração de um glossário eletrônico monolíngue em português brasileiro, que mapeou a distribuição geográfica dos termos reconhecendo a linguagem especializada associada à prática tradicional dessa atividade como saberes locais. O método adotado baseou-se nos estudos socioterminológicos, conforme as orientações de Gaudin (1993; 2003); Faulstich (1995; 2006), aliados à perspectiva da Geografia Linguística (COSERIU, 1982; BRANDÃO, 1991; THUN, 2005; CARDOSO, 2010). Foram realizadas entrevistas com agricultores das mesorregiões do estado do Pará (Baixo Amazonas, Marajó, Nordeste, Sudeste e Sudoeste Paraense), constituindo um corpus de linguagem oral especializado. A

análise dos dados terminológicos seguiu protocolos socioterminológicos, incluindo a extração semiautomática de termos e o mapeamento cartográfico de algumas variantes geográficas. Os resultados demonstraram a importância cultural e socioeconômica da produção de farinha na região, evidenciando que grande parte da produção agrícola do Pará destina-se à fabricação de farinha de mandioca. A pesquisa conclui que a terminologia associada à produção da farinha na Amazônia paraense é um reflexo da prática sociocultural dos trabalhadores rurais e que o estudo dessa terminologia contribui para a preservação do patrimônio lexical e cultural da região.

PALAVRAS-CHAVE: Geoterminologia, Socioterminologia, Farinha de mandioca

**GEOTERMINOLOGY:
CARTOGRAPHIC MAPPING OF
CASSAVA FLOUR TERMINOLOGY IN
THE AMAZON, PARÁ, BRAZIL**

ABSTRACT: This scientific paper presents some results of a research that aimed to describe the terms used in the production of cassava flour in the Amazon of Pará. The general objective of the study was

to develop a monolingual electronic glossary in Brazilian Portuguese, which mapped the geographic distribution of terms, recognizing the specialized language associated with the traditional practice of this activity as local knowledge. The method adopted was based on socioterminological studies, according to the guidelines of Gaudin (1993; 2003); Faulstich (1995; 2006), combined with the perspective of Linguistic Geography (COSERIU, 1982; BRANDÃO, 1991; THUN, 2005; CARDOSO, 2010). Interviews were carried out with farmers from the main mesoregions of the state of Pará (Amazonas Lower, Marajó, Northeast, Southeast and Pará Southwest), constituting a specialized oral language corpus. The analysis of terminological data followed socioterminological protocols, including semi-automatic extraction of terms and cartographic mapping of some geographic variants. The results demonstrated the cultural and socioeconomic importance of flour production in the region, showing that a large part of Pará's agricultural production is destined for the manufacture of cassava flour. The research concludes that the terminology associated with flour production in the Amazon, Pará, Brazil is a reflection of the sociocultural practice of rural workers and that the study of this terminology contributes to the preservation of the region's lexical and cultural heritage.

KEYWORDS: Geoterminology, Socioterminology, Cassava flour

1 | INTRODUÇÃO

A produção de farinha de mandioca é uma atividade tradicional de grande importância socioeconômica para as populações rurais da Amazônia paraense. Essa prática, que remonta ao período pré-colonial e ainda preserva técnicas herdadas dos povos indígenas, é responsável por uma significativa parcela da economia agrícola da região. Estima-se que aproximadamente 80% das raízes de mandioca produzidas no Brasil sejam destinadas à fabricação de farinha, o que destaca o papel central dessa atividade para a subsistência das comunidades locais (CEREDA, 2005). Diante disso, a descrição da terminologia associada a esse processo produtivo se torna essencial para a compreensão das dinâmicas culturais e sociais que permeiam essa prática.

No contexto dos estudos terminológicos, a Socioterminologia emerge como uma abordagem relevante, ao enfatizar a necessidade de considerar o contexto de uso dos termos e as condições sociais de produção do discurso especializado. Gaudin (1993) defende que a terminologia deve ser estudada a partir da observação do funcionamento da linguagem em seu meio de circulação, destacando a importância de se levar em conta os aspectos sociais e pragmáticos que influenciam o uso dos termos. Nesse sentido, a Socioterminologia não apenas descreve os termos, mas também refina o conhecimento sobre os discursos especializados ao explorar suas ligações com a sociedade (FAULSTICH, 2006).

Além disso, a Geolinguística, enquanto disciplina dedicada a estudar a variação linguística no espaço geográfico, complementa a perspectiva socioterminológica ao mapear a distribuição dos termos em diferentes regiões. De acordo com Cardoso (2010), os estudos geolinguísticos buscam identificar e descrever os diferentes usos de uma língua conforme

sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Esse enfoque é particularmente relevante em uma região como a Amazônia, onde a diversidade linguística e cultural se reflete nas variações terminológicas presentes no cotidiano dos trabalhadores rurais.

Com base nesses referenciais teóricos, o presente estudo teve como objetivo descrever a terminologia da cultura da farinha de mandioca na Amazônia paraense, considerando a variação geográfica e as especificidades socioculturais envolvidas. Ao abordar a intersecção entre terminologia, sociedade e espaço geográfico, o estudo pretendeu ampliar o conhecimento sobre as práticas culturais locais e fortalecer o campo dos estudos terminológicos no Brasil além de contribuir para a preservação do patrimônio lexical da região.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Socioterminologia: perspectivas e contribuições

A Socioterminologia, enquanto subcampo da Terminologia, busca integrar os estudos sobre a variação dos termos ao contexto social em que esses são usados. Essa abordagem surge em resposta às limitações da Terminologia tradicional, que, centrada em uma visão prescritiva e estática dos termos, tende a desconsiderar o caráter dinâmico e contextual da linguagem. François Gaudin, um dos principais teóricos dessa vertente, destaca a importância de considerar o funcionamento real da linguagem especializada, observando como os termos circulam em diferentes contextos sociais e produtivos.

Para Gaudin (1993), a Terminologia não pode se limitar ao estudo dos termos em sua forma idealizada, mas deve incorporar uma análise do uso dos termos em práticas reais de comunicação. Isso implica reconhecer que os termos técnicos não são usados de forma homogênea, mas variam conforme o grupo social, a região geográfica e as práticas profissionais envolvidas. O autor argumenta que a Terminologia deve ser orientada pela observação das práticas linguísticas concretas, refletindo sobre as condições sociais e econômicas que moldam o uso dos termos em ambientes específicos.

Nesse sentido, Gaudin propõe uma ruptura com a Teoria Geral da Terminologia (TGT), desenvolvida por Eugen Wüster, que defende uma visão normativa da terminologia, voltada para a padronização e homogeneização dos termos técnicos. A Socioterminologia, por outro lado, adota uma abordagem descritiva e interdisciplinar, aproximando-se da sociolinguística ao estudar a variação terminológica em função de fatores sociais, econômicos e culturais. Dessa forma, a Socioterminologia contribui para uma compreensão mais ampla e contextualizada da linguagem especializada, indo além da mera catalogação de termos.

A professora e pesquisadora Enilde Faulstich, outra importante referência na área, coaduna com a perspectiva de François Gaudin ao enfatizar a relação entre terminologia e

sociedade. Segundo Faulstich (2006), a Socioterminologia oferece ferramentas para uma análise mais refinada dos discursos especializados, considerando as práticas sociais e linguageiras. Ela destaca que a terminologia deve ser compreendida como um reflexo das condições de produção do conhecimento em um determinado campo, sendo essencial analisar os fatores que influenciam a criação e a circulação dos termos.

Assim, a Socioterminologia contribui para o refinamento das obras terminológicas ao explorar as interações entre linguagem e sociedade. Essa abordagem permite uma compreensão mais precisa das variações terminológicas em diferentes contextos geográficos e sociais, sendo especialmente relevante em estudos sobre terminologias locais e regionais, como é o caso da terminologia da produção de farinha de mandioca na Amazônia paraense. Ao integrar essa perspectiva ao estudo terminológico, é possível captar a riqueza e a diversidade do léxico especializado, bem como preservar o patrimônio cultural e linguístico de comunidades tradicionais.

2.2 Geolinguística: variação linguística no espaço geográfico

Enquanto a Socioterminologia explora a variação terminológica sob uma perspectiva social e contextual, a Geolinguística, ou Geografia Linguística, foca na variação da linguagem em relação ao espaço geográfico. Essa disciplina dedica-se ao estudo das diferentes formas de uma língua em sua distribuição espacial, investigando como fatores geográficos, culturais e históricos influenciam a diversidade linguística em determinadas regiões.

Coseriu (1982) foi um dos primeiros a desenvolver uma teoria abrangente sobre a variação linguística, estabelecendo as bases para o que viria a ser a Geolinguística moderna. Em sua obra, Eugenio Coseriu argumenta que toda língua é essencialmente uma variedade, uma vez que o uso da linguagem sempre varia de acordo com o contexto em que é empregada. Ele destaca a importância de se considerar a dimensão geográfica da variação linguística, reconhecendo que fatores regionais desempenham um papel crucial na formação de dialetos e variantes linguísticas. Coseriu (1982), considerando a importância da Geografia Linguística enquanto método dialetológico, afirma que esta “[...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território [...]”. Esses mapas especiais então reunidos podem ser considerados como “[...] coleções cartográficas de material linguístico” (Coseriu, 1982, p. 83).

Esse enfoque foi ampliado por autores como Cardoso (2010), que defende a aplicação do método geolinguístico para descrever a distribuição espacial das variedades de uma língua. Esta autora argumenta que os estudos geolinguísticos são fundamentais para identificar, descrever e situar os diferentes usos de uma língua conforme sua

distribuição geográfica. Esse tipo de estudo é particularmente relevante no Brasil, onde a vastidão territorial e a diversidade cultural resultam em uma grande variedade de formas linguísticas regionais.

Cardoso (2010) destaca, ainda, que a Geolinguística permite mapear as diferentes realizações linguísticas em função de fatores geográficos, fornecendo uma visão panorâmica das variações regionais. Ela enfatiza a importância de se levar em consideração a história de colonização e os processos migratórios, que têm um impacto significativo na formação das variantes linguísticas no país. Esse tipo de análise é especialmente útil para estudos terminológicos, como o que aborda a produção da farinha de mandioca no Pará, onde as práticas culturais e linguísticas variam entre as diferentes mesorregiões.

Thun (2005) complementa essa perspectiva ao argumentar que a variação linguística não pode ser vista de forma estática. Em vez disso, ela deve ser entendida como um processo dinâmico e contínuo, influenciado por fatores socioculturais e econômicos que estão em constante mudança. O autor sugere que o estudo da variação linguística deve incorporar uma análise das interações entre o espaço geográfico e os fatores sociais, considerando como essas interações moldam o uso da língua em contextos específicos.

Por sua vez, Brandão (1991) explora as implicações metodológicas dos estudos geolinguísticos, enfatizando a importância de se realizar um levantamento sistemático e representativo das variantes linguísticas em diferentes regiões. Ela argumenta que a Geolinguística deve ir além da simples coleta de dados linguísticos, incorporando uma análise detalhada das condições sociais e culturais que influenciam a variação. Isso é especialmente relevante em estudos sobre terminologias locais, como a terminologia da produção de farinha de mandioca, onde as variantes regionais refletem práticas culturais específicas e modos de vida tradicionais. De acordo com Rodrigues (2015) pode-se considerar que os atlas linguísticos são ainda fontes ricas em matéria sobre o léxico e podem ser aproveitados para ratificar ou abonar obras de natureza lexicográfica ou terminográfica uma vez que apresentam dados linguísticos de cunho regional que se tornam um valioso tesouro lexical do ponto de vista sociocultural.

2.3 Integração entre Socioterminologia e Geolinguística

A integração entre Socioterminologia e Geolinguística oferece uma abordagem robusta para o estudo da variação terminológica em contextos geográficos específicos. Ao combinar a análise social dos termos com o mapeamento de suas variantes regionais, é possível obter uma compreensão mais completa e detalhada das dinâmicas linguísticas envolvidas. Essa integração é particularmente útil em estudos sobre terminologias locais e regionais, como a presente pesquisa sobre a produção de farinha de mandioca na Amazônia paraense.

Enquanto a Socioterminologia permite captar as nuances sociais e culturais que

influenciam o uso dos termos, a Geolinguística fornece ferramentas para mapear essas variações no espaço geográfico, evidenciando como os fatores regionais impactam a linguagem especializada. No caso da produção de farinha de mandioca, essas abordagens complementares permitem descrever como as práticas culturais e produtivas das diferentes mesorregiões do Pará influenciam a criação e o uso de termos técnicos.

Dessa forma, o presente estudo busca contribuir para a preservação do patrimônio lexical da Amazônia paraense, ao mesmo tempo em que enriquece o campo dos estudos terminológicos no Brasil. Ao integrar a Socioterminologia com a Geolinguística, o estudo possibilita uma análise mais precisa e contextualizada da terminologia da produção de farinha, contribuindo para a compreensão das interações entre linguagem, sociedade e espaço geográfico. Essa integração pode ser considerada, a nosso ver, como um espaço para o estudo das variantes terminológicas e, portanto, uma Geoterminologia em que o enfoque geográfico poderá proporcionar o reconhecimento dos aspectos sociais, históricos e culturais em que os termos emergem.

3 | CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA

3.1 Histórico da Produção de Farinha na Região

A produção de farinha de mandioca na Amazônia Paraense tem uma longa história, remontando aos tempos pré-coloniais, quando os povos indígenas já cultivavam a mandioca e utilizavam técnicas tradicionais para produzir farinha (ALBUQUERQUE, 1969). Com a chegada dos colonizadores portugueses, essas práticas foram adaptadas e difundidas, resultando em um aumento significativo na produção. Durante o século XIX, a farinha de mandioca consolidou-se como um produto essencial para a economia local e regional, sendo amplamente comercializada tanto no Brasil quanto exportada para outras regiões (CEREDA, 2005).

3.2 Processos de Cultivo e Beneficiamento da Mandioca

O cultivo da mandioca na Amazônia Paraense segue processos tradicionais que são transmitidos de geração em geração. O preparo do solo, conhecido como “roçado”, envolve a derrubada e queima da vegetação, prática comum entre as comunidades rurais da região (ALBUQUERQUE, 1969). Após o plantio, que ocorre em covas rasas, as raízes de mandioca são colhidas entre 10 a 18 meses depois.

O beneficiamento da mandioca para a produção de farinha inclui várias etapas: colheita, descascamento, lavagem, trituração, prensagem, secagem e torrefação (ALBUQUERQUE, 1969; CEREDA, 2005). A torrefação é a fase final e crucial, onde a massa da mandioca é levada ao forno de barro e mexida constantemente até atingir a textura ideal. Este processo tradicional garante a qualidade e o sabor característico da

farinha de mandioca produzida na região (ALBUQUERQUE, 1969).

3.3 Impactos Socioeconômicos e Culturais

A produção de farinha de mandioca é vital para a economia da Amazônia Paraense. Ela é uma das principais fontes de renda para as famílias rurais e pequenos agricultores que dependem dessa atividade para sua subsistência (CEREDA, 2005). A farinha também desempenha um papel crucial no abastecimento alimentar das populações locais e em outras regiões do Brasil.

Culturalmente, a produção de farinha está intrinsecamente ligada às tradições das comunidades rurais e ribeirinhas, sendo um símbolo de identidade e resistência cultural. As técnicas de produção, festas comunitárias e práticas agrícolas associadas à farinha de mandioca refletem a continuidade das tradições indígenas e caboclas na região (ALBUQUERQUE, 1969). Esses conhecimentos são transmitidos oralmente e mantêm vivas as práticas culturais que se perpetuam por gerações.

3.4 Contribuições dos Povos Indígenas nas Técnicas de Produção

Os povos indígenas desempenharam um papel central no desenvolvimento das técnicas de produção de farinha de mandioca. Eles foram os primeiros a domesticar a mandioca e desenvolver técnicas como o uso do “tipiti” para extração do tucupi, e a torrefação, que são práticas fundamentais no processo de produção da farinha (ALBUQUERQUE, 1969). Além disso, o conhecimento ecológico indígena sobre o manejo sustentável da mandioca permitiu que esta cultura se adaptasse ao ambiente amazônico, garantindo sua resistência às variações climáticas e à baixa fertilidade dos solos (CEREDA, 2005). A preservação dessas práticas é essencial para a sustentabilidade da produção de farinha na Amazônia e para a manutenção da diversidade cultural e biológica da região.

4 | METODOLOGIA

4.1 Constituição do Corpus

A constituição do corpus foi o primeiro passo para a realização desta pesquisa. Seguindo os princípios da Socioterminologia, como proposto por Gaudin (1993) e Faulstich (1995), optou-se por coletar dados linguísticos diretamente das práticas discursivas dos produtores de farinha de mandioca na Amazônia Paraense. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que permitiram captar a terminologia utilizada quanto ao seu contexto de uso.

O corpus linguístico foi composto por discursos orais coletados em cinco mesorregiões do estado do Pará: Baixo Amazonas, Marajó, Nordeste Paraense, Sudeste

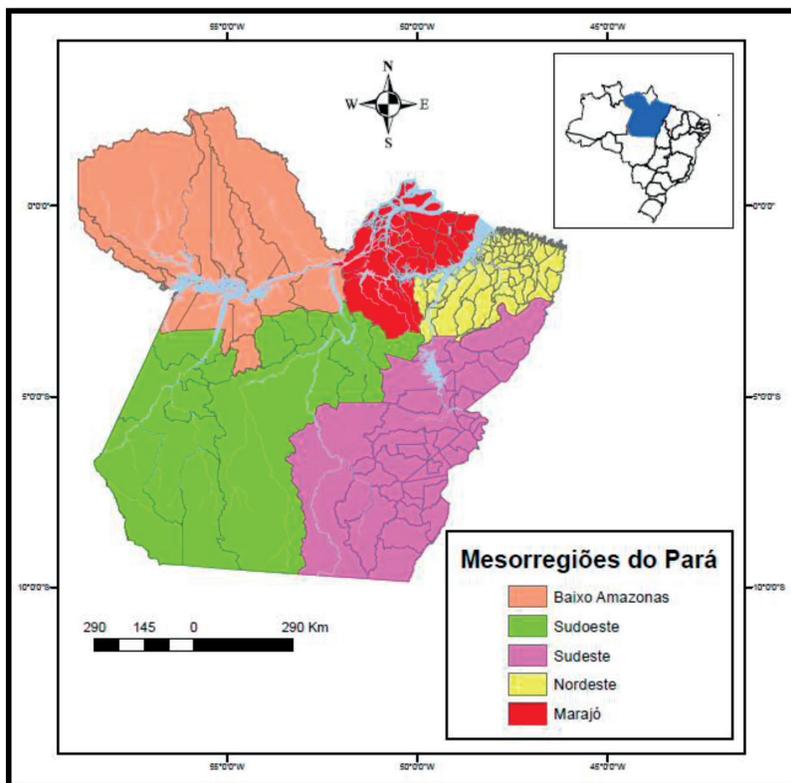


Fig.1 – Mapa das mesorregiões

Fonte: Rodrigues (2015)

A escolha dessas regiões se deu em função da diversidade cultural e linguística, permitindo assim, a observação das variações terminológicas em diferentes contextos geográficos. Para a organização do corpus, utilizou-se o software *WordSmith Tools*, seguindo a metodologia sugerida por Scott (2012) para a análise de corpora linguísticos.

4.2 Análise Terminológica e Geolinguística

A análise terminológica seguiu as diretrizes metodológicas estabelecidas pela Socioterminologia, focando na descrição dos termos a partir do contexto social em que são utilizados (GAUDIN, 2003). Cada termo coletado foi analisado quanto ao seu uso específico, significado, e variações regionais. O objetivo foi mapear as diferentes terminologias empregadas nas diversas etapas da produção da farinha de mandioca e como essas terminologias variam conforme o espaço geográfico.

Além disso, utilizou-se a abordagem geolinguística para compreender como a variação espacial influencia a terminologia. De acordo com Cardoso (2010), a Geolinguística

permite identificar e descrever as variações linguísticas em função da distribuição geográfica, sociocultural e cronológica. Assim, os dados coletados foram organizados em cartogramas, que evidenciam as diferenças e semelhanças terminológicas entre as regiões estudadas. O uso combinado da Socioterminologia e da Geolinguística possibilitou uma análise mais rica e contextualizada dos termos, respeitando as particularidades socioculturais de cada região.

5 | ANÁLISE TERMINOLÓGICA E MAPEAMENTO GEOGRÁFICO

5.1 Descrição dos termos coletados e suas variações regionais

O estudo terminológico realizado sobre a produção da farinha de mandioca na Amazônia Paraense revelou uma rica diversidade de termos empregados em diferentes contextos regionais. A coleta de dados, realizada em cinco mesorregiões do Pará, permitiu identificar tanto termos específicos quanto suas variações locais. Cada termo foi descrito em relação ao seu uso, função, e significado no contexto de produção da farinha, refletindo a complexidade linguística e cultural da região.

Os termos coletados foram categorizados de acordo com as etapas do processo produtivo da mandioca, desde o cultivo até o beneficiamento e comercialização da farinha. Por exemplo, termos relacionados ao preparo da terra, como **“aceiro”** (limite aberto ao redor do roçado para evitar a transposição de focos de incêndio) ou **“destoca”** (operação que consiste na retirada da sobra de tocos de árvores do solo após a queima), apresentaram variações significativas entre as regiões estudadas. Além disso, termos específicos que descrevem instrumentos ou locais onde ocorre o manuseio da mandioca, como **“casa de farinha”**, **“caititu”** e **“maseira”**, também variaram em função do conhecimento tradicional e das práticas locais.

5.2 Análise Comparativa entre as diferentes mesorregiões do Pará

A análise comparativa entre as mesorregiões Baixo Amazonas, Marajó, Nordeste Paraense, Sudeste Paraense, e Sudoeste Paraense evidenciou padrões de uso linguístico que se relacionam diretamente com fatores geográficos, culturais e econômicos. Para efeito de amostragem, iremos elencar apenas dois cartogramas, neste artigo científico, em que apresentam variantes terminológicas relacionadas a prática cultural de produção da farinha. Assim, cada mesorregião apresentou particularidades linguísticas que refletem as influências históricas e sociais específicas de cada área.

Além disso, a análise dos cartogramas destacou não apenas as variações lexicais, mas também as semelhanças que atravessam essas mesorregiões, revelando uma interconexão cultural subjacente, possivelmente resultado de fluxos migratórios internos e intercâmbios econômicos. Essa interconexão aponta para a existência de uma identidade

linguística regional mais ampla, ao mesmo tempo em que respeita as especificidades locais. As variações terminológicas encontradas, muitas vezes associadas a diferentes etapas do processo de produção da farinha, como a colheita, o descasque, a moagem e a torrefação, indicam que a linguagem funciona como um reflexo direto das condições geográficas e dos modos de vida de cada comunidade. Essas descobertas reforçam a importância de considerar a geografia linguística como uma ferramenta para entender não apenas as diferenças, mas também as continuidades culturais dentro da Amazônia paraense.

O cartograma 03 demonstra que, em todos os locais investigados, por exemplo, a terminologia mostrou-se fortemente influenciada por práticas indígenas, com termos como “tucupi” e “manipuera” (líquido extraído da raiz da mandioca no processo de produção da farinha). Por outro lado, destacam-se particularidades terminológicas como “água da mandioca”, “caldo da mandioca”, “água da tapioca” que sugerem usos metaforizados e presentes em uma ou outra região.

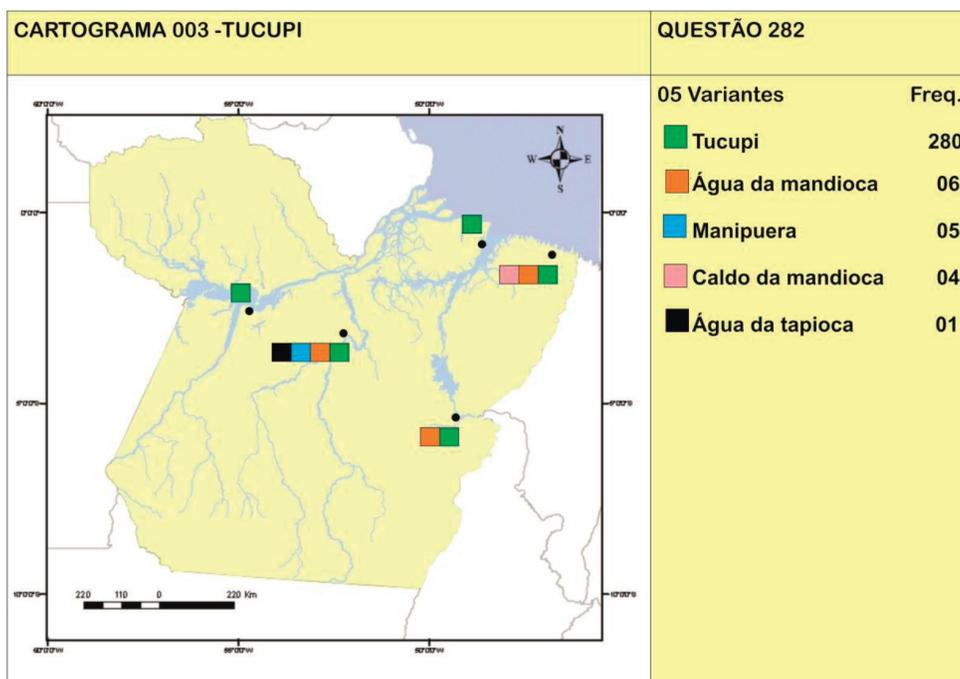


Fig. 2 – Cartograma terminológico de tucupi

Fonte: Rodrigues (2015)

Em relação aos termos específicos utilizados na produção de farinha de mandioca, como “tucupi” e “manipuera”, é importante destacar que ambos foram catalogados em dicionários de língua tupi, demonstrando a influência linguística indígena na região. Esses termos aparecem em obras de referência como as de Boudin (1978), Cunha (1999), Dias (1970), Tibiriça (1984), Sampaio (1986) e Sampaio (1987), evidenciando a persistência e a

relevância dessas palavras ao longo do tempo. A presença desses termos nos dicionários destaca a importância de preservar o patrimônio lexical, reconhecendo o valor cultural e histórico da terminologia indígena na Amazônia Paraense.

TERMOS	DICIONÁRIOS DA LÍNGUA TUPI							
	Boudin 1 (1978)	Boudin 2 (1978)	Cunha (1999)	Dias (1970)	Mello (1967)	Tibiricá (1984)	Sampaio (1987)	Sampaio (1986)
Tucupi	tikupi, tukupi	tikupi, tukupi	tucupi, tocupi	tucupim		tucupi, tucupy	tycú-pi	tukupí
Manipuera	mani'õ i-kwêr	mani'õ i-kwêr		manipoeira		manicuera, manipuera		

Fig. 3 – Termos em dicionários de língua indígena

Fonte: (Rodrigues, 2015)

A inclusão dos termos “tucupi” e “manipuera” nos dicionários de língua tupi não apenas atesta a longevidade e a importância dessas palavras no contexto cultural e linguístico da Amazônia Paraense, mas também sublinha a necessidade de preservação e valorização desse patrimônio lexical. Esses termos, que carregam consigo significados profundamente enraizados nas práticas culturais e sociais da região, exemplificam como a terminologia local está intrinsecamente ligada às tradições indígenas e à história regional.

O cartograma 11 apresenta o termo “rodo” (utensílio de madeira usado para mexer a farinha no forno) distribuído geograficamente em todas as regiões do Pará, indicando uma variante terminológica que pode estar influenciada pelo uso de práticas e instrumentos atuais. Essa uniformidade no uso do termo “rodo” sugere uma padronização que reflete a modernização gradual das técnicas de produção de farinha, conforme apontado por Lima (2015), que destaca a influência de práticas contemporâneas na terminologia das atividades tradicionais. Por outro lado, a variante terminológica “cuiapeua,” presente na região do Baixo Amazonas, ressalta a origem indígena da atividade de produção de farinha. Esse termo é um exemplo de como as práticas tradicionais, especialmente aquelas ligadas às culturas indígenas, continuam a sobreviver e a ser transmitidas de geração em geração, mesmo em meio à modernização das técnicas e à introdução de novos termos. Conforme argumenta Machado (2012), a persistência de termos indígenas no vocabulário de práticas agrícolas tradicionais evidencia não apenas a resistência cultural dessas comunidades, mas também a importância de preservar essas terminologias como parte do patrimônio imaterial da região. Assim, o contraste entre o uso generalizado de “rodo” e a presença mais restrita de “cuiapeua” ilustra a coexistência de elementos antigos e novos na terminologia da produção de farinha, refletindo a complexidade e a riqueza da interação entre diferentes influências culturais e temporais na Amazônia Paraense.

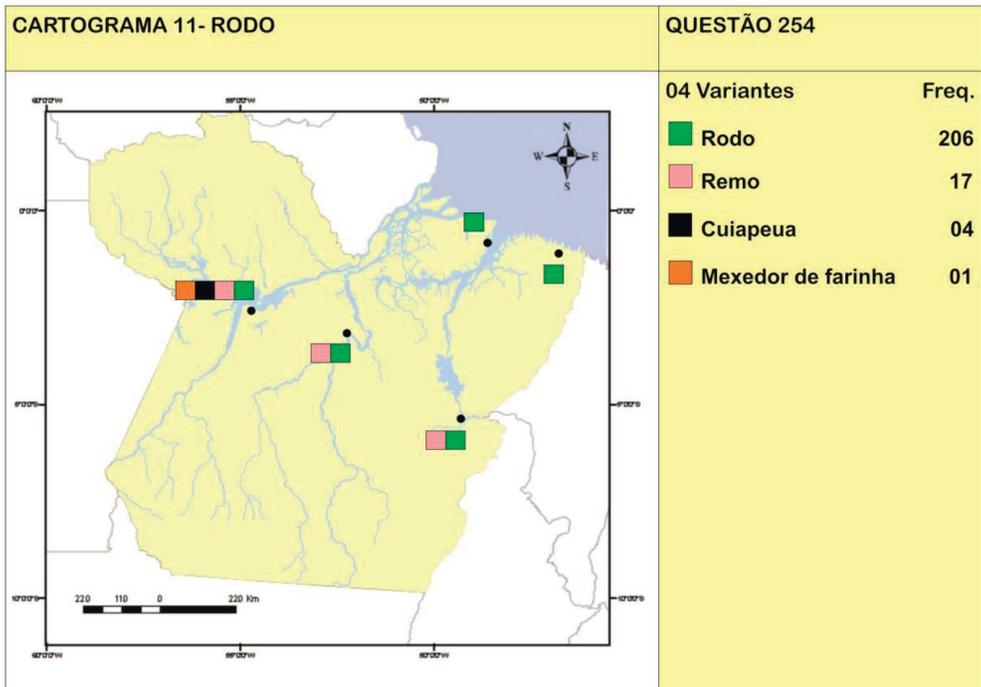


Fig. 4 – Cartograma terminológico de rodo

Fonte: Rodrigues (2015)

Além de sua presença no vocabulário atual, a variante terminológica “cuiapeua” também está registrada em dicionários de língua indígena, reforçando sua autenticidade e relevância cultural. Dicionários como os de Boudin (1978), Cunha (1999) e Tibiriçá (1984) catalogam “cuiapeua” como um termo de origem indígena, usado historicamente para descrever aspectos específicos da produção de farinha de mandioca. Essa documentação em fontes lexicográficas especializadas sublinha a importância de preservar essas terminologias, que são testemunhos vivos das práticas e do conhecimento tradicional das comunidades indígenas da Amazônia. A inclusão de “cuiapeua” em tais registros confirma a profundidade das raízes culturais e linguísticas que permeiam a produção de farinha na região, evidenciando a continuidade e a adaptação dessas tradições ao longo do tempo.

TERMOS	DICIONÁRIOS DA LÍNGUA TUPI							
	Boudin 1 (1978)	Boudin 2 (1978)	Cunha (1999)	Dias (1970)	Mello (1967)	Tibiriçá (1984)	Sampaio (1987)	Sampaio (1986)
Cuiapeua	kawa-pêhé	kawa-pêhé	kui'peua			cuipeba		

Fig. 5 – Termos em dicionários de língua indígena

Fonte: Rodrigues (2015)

Como se pode observar, a comparação entre as mesorregiões revelou também que, apesar de variações terminológicas, há uma base comum de termos compartilhados em todo o Estado do Pará, refletindo a importância da mandioca como um elemento cultural e econômico transversal a essas regiões.

6 | DISCUSSÃO E RESULTADOS

6.1 Impactos do Estudo na Preservação do Patrimônio Lexical da Região

O impacto deste estudo na preservação do patrimônio lexical da Amazônia Paraense é considerável. A cultura da farinha de mandioca, que se entrelaça profundamente com as práticas socioculturais da região, contém um vasto vocabulário que reflete tradições e conhecimentos passados de geração em geração. Com a globalização e as mudanças tecnológicas, muitos desses termos correm o risco de desaparecer, o que poderia resultar em uma perda irreparável de conhecimento cultural. Este estudo se destaca ao documentar e analisar esses termos, contribuindo significativamente para a preservação e valorização do patrimônio lexical local. Ao registrar essas expressões culturais, o trabalho assegura que elas sejam perpetuadas, proporcionando uma base sólida para futuras pesquisas e esforços de preservação linguística.

6.2 Relevância das Variantes Geográficas Identificadas

A análise das variantes geográficas dos termos relacionados à produção de farinha de mandioca revela a profunda diversidade linguística existente dentro das mesorregiões do Pará. Essas variantes não só refletem as diferenças culturais e ambientais de cada região, mas também ilustram como as práticas locais influenciam a linguagem. A identificação dessas variantes é crucial, pois permite uma compreensão mais detalhada das dinâmicas linguísticas e culturais da região. Além disso, a análise comparativa entre as diferentes mesorregiões destaca as particularidades de cada comunidade, demonstrando que, embora a produção de farinha de mandioca seja uma prática comum em toda a Amazônia Paraense, a linguagem associada a essa atividade é adaptada às especificidades locais. Isso evidencia a importância de preservar essas variantes, não apenas como elementos linguísticos, mas também como manifestações de uma rica herança cultural.

6.3 Contribuições para os estudos terminológicos e sociolinguísticos

Este estudo oferece valiosas contribuições para o campo dos estudos terminológico e sociolinguístico. Do ponto de vista terminológico, o levantamento e análise dos termos específicos relacionados à produção de farinha de mandioca fornecem um recurso inestimável para futuras pesquisas. A terminologia estudada enriquece a literatura existente,

oferecendo uma base sólida para investigações futuras sobre a evolução e adaptação dos termos dentro de contextos geográficos específicos. Em termos sociolinguísticos, o estudo sublinha a importância de considerar a variação geográfica na análise da linguagem. Ele demonstra que o léxico não é uma entidade fixa, mas sim um reflexo dinâmico das práticas culturais e do meio ambiente. Essa perspectiva é fundamental para entender a relação entre linguagem, cultura e sociedade, e para fomentar a preservação das particularidades linguísticas que constituem o patrimônio cultural das comunidades estudadas. Em suma, a análise terminológica e o mapeamento geográfico dos termos relacionados à produção de farinha de mandioca na Amazônia Paraense demonstram como a terminologia é influenciada por fatores geográficos, culturais e sociais. O estudo dos agrupamentos terminológicos e das variações geográficas contribui para uma melhor compreensão da relação entre linguagem e cultura, oferecendo *insights* valiosos para a preservação e valorização das tradições locais.

7 | CONCLUSÃO

Este estudo revelou a riqueza e complexidade do patrimônio lexical associado à produção de farinha de mandioca na Amazônia Paraense, destacando a diversidade de termos e variantes regionais que refletem a adaptação linguística às especificidades culturais e ambientais das diferentes mesorregiões do Pará. A análise dos termos coletados permitiu identificar não apenas a variação linguística, mas também o entrelaçamento entre linguagem, cultura e práticas econômicas tradicionais. A documentação desses termos e suas variações regionais contribui significativamente para a preservação do patrimônio cultural e linguístico da região, ao mesmo tempo em que oferece uma base sólida para estudos terminológicos e sociolinguísticos futuros.

Para futuras pesquisas, recomenda-se a expansão da coleta de dados para cobrir um número maior de regiões e comunidades, buscando uma representatividade mais ampla do léxico regional. Além disso, a realização de estudos longitudinais poderia fornecer insights sobre a evolução e adaptação dos termos em resposta a mudanças sociais, econômicas e ambientais. Do ponto de vista prático, o glossário elaborado a partir deste estudo oferece um recurso valioso para a comunidade local, podendo ser utilizado em iniciativas educacionais e culturais para promover a conscientização e valorização do patrimônio linguístico regional. Para os estudos linguísticos, o glossário serve como uma ferramenta essencial para a análise terminológica e sociolinguística, facilitando o aprofundamento de pesquisas sobre a relação entre linguagem, cultura e geografia. Dessa forma, o trabalho não apenas contribui para a preservação cultural, mas também abre caminho para novos desdobramentos acadêmicos e práticos que podem fortalecer a identidade e o patrimônio da Amazônia Paraense.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, W. G. **A Mandioca**: suas propriedades e aproveitamento econômico. Belém: CEJUP, 1969.
- BOUDIN, M. H. **Dicionário de tupi moderno**: dialeto tembé-tênêthêhar do alto do rio Gurupi. Vol. 1 e 2. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- BRANDÃO, S. A. **Introdução à Dialectologia e Geolinguística**. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CEREDA, M. P. Produtos e subprodutos. In: Souza, Luciano da Silva; FARIAS, Alba Rejane Nunes; MATTOS, Pedro Luiz Pires; FAKUDA, Wânia Maria Gonçalves. **Processamento e utilização da mandioca**. Cruz das Almas: EMBRAPA, 2005.
- COSERIU, E. **Sistema, norma e fala**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- CUNHA, A. G. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 5. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Universidade de Brasília 1999.
- DIAS, G. **Dicionário da língua tupi**: chamada língua geral dos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.
- FAULSTICH, E. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia**: termo e variação. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995
- FAULSTICH, E. **A Socioterminologia na comunicação científica e técnica**. Ciência e Cultura (Terminologia/Artigos). São Paulo: vol. 58, n.2, pp. 27-31, 2006. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em 18 out. 2009.
- GAUDIN, F. **Pour une socio-terminologie**: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.
- GAUDIN, F. **Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie**. Paris: Champion, 2003.
- LIMA, J. C. **Práticas culturais e modernização: A influência das novas tecnologias na produção tradicional de farinha de mandioca**. São Paulo: Editora da USP, 2015.
- MACHADO, R. **A herança cultural indígena na Amazônia: um estudo sobre terminologias agrícolas tradicionais**. Belém: EDUFPA, 2012.
- RODRIGUES, E. M. S. **Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense**. 305 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza, 2015.
- SAMPAIO, M. A. **Vocabulário guarani-português**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SCOTT, M. **WordSmith Tools: tools for linguists, translators and other wordsmiths**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

THUN, H. **Geolinguística e Lexicografia: Aspectos metodológicos**. In: **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo: USP, 2005.

TIBIRIÇÁ, L. C. **Dicionário tupi-português com esboço de gramática de tupi antigo**. 2. ed. São Paulo: Editora Traço, 1984.